

A LEITURA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL NA ESCOLA: um estudo com alunos dos anos iniciais.

Edilaine Botão da Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Vera Lúcia Martiniak

Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

Este artigo discute a formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental e apresenta práticas de leitura que favorecem essa formação. A pesquisa analisa as práticas de leitura na sala de aula, tendo como enfoque a perspectiva do letramento. Este estudo centrou-se na pesquisa-ação, que se propõe à investigação da própria prática, a partir de uma inquietação vivenciada pelo professor. Foi utilizado estudo teórico, levantamento de práticas de leitura que favorecem a formação do leitor, registro das observações para posterior intervenção na turma. A partir das intervenções, constatou-se que é fundamental que o professor elabore um planejamento que contemple as práticas de leitura como uma prática social e cultural para formação do leitor experiente.

Palavras Chave: Práticas de Leitura, Prática Social, Letramento.

ABSTRACT

This article discusses the formation of the reader in the early years of elementary school reading practices and features that favor such training. The research examines the reading practices in the classroom, focusing on the perspective of literacy. This study focused on action research, which aims to research from practice, from an anxiety experienced by the teacher. We used theoretical study, survey of reading practices that favor the formation of the reader, from observations for further intervention in the classroom. From the interventions found that it is essential that the teacher develop a plan that addresses the practices of reading as a social practice and cultural training for the experienced reader.

Keywords: Practice Reading, Social Practice, Literacy.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão acerca das práticas de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola da rede particular de ensino. Compreendendo a necessidade de propiciar a leitura como uma prática social na escola, e especificamente, da rede privada, este estudo partiu de uma pesquisa-ação, buscando compreender as estratégias e práticas para a formação de um leitor crítico, na perspectiva do letramento. Quando se refere ao letramento, está se referindo ao uso cultural, social da leitura ou da escrita, ou seja, está se tratando da relevância dessas práticas para a socialização do indivíduo. O letramento é o princípio do ensino da leitura, pois todos os indivíduos fazem leitura de mundo, têm preferências, gostos diferentes e fazem com que o professor desenvolva práticas de leitura não somente como um cumprimento do currículo escolar, mas principalmente como uma prática do contexto social do aluno. Assim, para que a leitura se torne uma prática social, é necessário que também se torne uma prática relacionada a essa dimensão no ambiente escolar. Buscando evidenciar essa necessidade no contexto escolar, bem como apresentar os resultados do estudo, o texto discute inicialmente o conceito de leitura, a partir de teóricos e pesquisadores da área, enfocando o letramento, enquanto prática que permite ao aluno uma vivência entre o que se lê e o mundo em que se vive.

Compreendendo o conceito de leitura

Na escola, muitas vezes, a leitura é usada pelo professor somente como decifração e também como compreensão do texto, porém, para que o leitor leia um texto e compreenda o que está escrito, não basta somente decifrar os sons da escrita ou os significados individuais das palavras, mas compreender o seu significado e o seu contexto. Isto remete ao que Paulo Freire (1996, p. 8) preconiza, que a “leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”, e a capacidade de relacionar a leitura escolar com este mundo real se desenvolve pela prática de letramento. E é justamente isso que os professores devem incentivar nos alunos, ou seja, a percepção de que a leitura feita na escola é dependente do mundo que está fora dela, do cotidiano extraescolar. Dessa forma, Freire (1996) propõe uma prática de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo como sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive.

Para compreender o contexto onde se vive, é necessário que a escola implemente práticas educativas que favoreçam a alfabetização e o letramento. Magda Soares (2003, p. 14) defende o letramento como uma prática inerente ao processo de leitura e escrita.

No mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua – o letramento.

Entretanto, a leitura só se torna significativa para o aluno quando ele decifra as palavras, apropria-se das ideias e fala sobre o que leu a seu modo, como ele interpretou o texto (CAGLIARI, 2009). Quando o aluno consegue fazer essa transposição do texto escrito para a fala espontânea, pode-se dizer que está participando de uma prática de letramento em que a leitura faz sentido ao leitor. Ele não apenas decodifica, mas interpreta e fala do assunto a seu modo. Tal atitude depende de um desenvolvimento mental, que deve ser proporcionado pelo professor.

A leitura é a decifração dos códigos linguísticos, já o letramento é saber fazer uso dessa decifração, compreender, dar sentido aos códigos. Mas isso não quer dizer que o letramento seja mais importante que a leitura; esses processos são indissociáveis, interdependentes, que precisam caminhar lado a lado. Apesar de leitura e letramento serem processos diferentes e cada um depender de conhecimentos específicos, um complementa o outro, de maneira que o aluno vincule a leitura ao uso que ela tem na sociedade em que vive. Portanto, o letramento dependerá do contato direto com situações de leitura para que se desenvolvam habilidades leitoras contextualizadas. A leitura vai além da decifração e começa antes dela. A leitura crítica de um texto depende do conhecimento de mundo que se tem, isto é, não existirá prazer numa leitura onde o leitor não tenha conhecimentos prévios do assunto, mesmo que muitas vezes seja um conhecimento empírico (FREIRE, 1996).

A leitura vai além do objetivo proposto pelo professor, o ponto de chegada será definido pelo próprio leitor, pois, quanto mais estimulado ele for, terá condições de ultrapassar a mera decodificação de letras e palavras.

As práticas de leitura na escola

Na prática da maioria das escolas, a leitura e a escrita acontecem simultaneamente, mas em grande parte das atividades a ênfase maior é em relação à escrita. Isso ocorre devido à facilidade de controlar os acertos e erros da escrita, porém com a leitura não é possível

estabelecer esse controle, pois o professor jamais saberá o que está se passando na mente de um aluno que lê em silêncio, por exemplo (CAGLIARI, 2002).

O objetivo da escrita é a leitura, nenhum escritor escreve para deixar guardado, mas sim para socializar aquilo que escreveu. Este é o objetivo primeiro de quem escreve. E para escrever é preciso saber ler, só escreve bem quem lê bem. Ao ler criam-se ideias, argumentos, que podem ser comparados às ideias já existentes, ou seja, cria-se uma dinâmica de interação entre o que já existe e o que é novo, entre os pensamentos de escritores que já relataram o tema e o leitor que está se familiarizando com o tema em questão.

Portando é preciso repensar a leitura que está sendo trabalhada na escola, repensar os meios utilizados pelos professores para atingir seus objetivos enquanto formadores de leitores críticos. Para que isso ocorra, é preciso que haja uma conversa entre o autor e o leitor. Ou seja, o texto em si não tem significado, ele só terá sentido quando o leitor passa a dar sentido às ideias expostas. A leitura é uma conversa entre autor e leitor. E como os leitores daquele determinado texto são diferentes, cada um dará um significado a ele, será uma conversa diferente em cada leitura, mesmo que seja o mesmo texto.

Para que o professor possa agir de forma consciente na realidade onde atua, precisa conhecer e revisar o referencial teórico sobre o assunto em questão, ou seja, a leitura, para posteriormente atuar nessa dada realidade, objetivando criar situações de leitura na sala de aula onde o texto tenha significado para o aluno.

Para que a leitura na sala de aula e na escola como um todo se dê de maneira prazerosa, faz-se necessário levar em consideração a realidade global daquele grupo de alunos. A escola prioriza a leitura da palavra e esquece-se da leitura de mundo que o aluno já possui e que pode ser desenvolvida ainda mais pelo professor. Por não se levar essa realidade em consideração no momento do planejamento, muitas vezes o aluno não se interessa, pois não faz parte da sua realidade.

A leitura crítica de um texto depende do conhecimento de mundo que se tem. Ou seja, para que se possa ler um texto, conhecer o seu conteúdo e posteriormente falar sobre ele, faz-se necessário uma leitura de mundo, isto é, um conhecimento sobre o conteúdo. Se o aluno não tem essa leitura de mundo, o professor tem o dever de mostrar e contextualizar o texto, para que a leitura não se torne alienada, apenas decodificada.

O significado de um texto não está embutido totalmente nele, pois o texto possui o significado que o seu autor lhe deu, mas também possui o significado que o leitor dá a ele. O ato de ler é um processo de interlocução entre leitor e autor mediado pelo texto, e isso garante

que um texto tenha muitos significados, tantos quantos forem seus leitores, já que cada leitor tem a sua leitura de mundo sobre aquele determinado assunto (GERALDI, 2006).

Um leitor que domina a decifração e tem conhecimentos sobre o assunto tratado é capaz de ler um dado texto e seu conhecimento sobre o tema ampliar de tal forma que ele até desconstrói muito do que ele acreditava. Mas para que esse leitor possa ser formado pela escola, é preciso dar oportunidades de novas leituras para que possa ampliar seu repertório de conhecimentos e, conseqüentemente, enxergar o mundo de maneira mais crítica, atuando sobre a realidade conscientemente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) enfatizam a necessidade do uso de diversos textos na sala de aula, visto que a realidade vivida pelo aluno atualmente é dinâmica e requer da escola e do professor um planejamento dinâmico também, que englobe essas diversas práticas de leitura, sejam elas reportagens, roteiros de filmes, anúncios, enfim, textos que circulam socialmente. Os alunos precisam conhecê-los, interpretá-los e escrevê-los.

Os textos na escola são usados para ensinar a ler. Esses textos, na maioria das vezes, não existem fora da escola e isso gera uma descontextualização entre leitura – escrita – realidade. Se o objetivo da escola é que o aluno leia fluentemente e produza bons textos, é preciso que a unidade básica de ensino seja o texto, ou seja, uma unidade com significado, e não um aglomerado de palavras ou frases sem conexão e sentido, como eram as tão conhecidas e criticadas cartilhas.

É preciso ofertar, mesmo no momento da alfabetização, livros e outros materiais ricos em escrita, e não apenas com desenhos e frases curtas. A criança só se tornará uma leitora fluente se a leitura se tornar um prazer e possa contribuir para a melhoria da sua aprendizagem. É necessário esse contato com o texto escrito, mesmo quando a criança não reconhece a palavra, para que, ao se tornar adulta, ela possa escolher dentre os vários textos que circulam socialmente aquele que atende às suas necessidades naquele dado momento. Na leitura, o leitor constrói ativamente significados a partir daquilo que ele já sabe sobre o assunto, pois

[...] a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc (BRASIL, 1997, p. 41).

A escola deve preocupar-se em formar o leitor que entende o que lê, consegue fazer relações entre o texto que está lendo com aqueles já lidos anteriormente sobre o assunto,

percebe os vários significados que podem ser atribuídos àquele texto e que saiba ler nas entrelinhas, ou seja, aquilo que não está explícito no texto (as concepções de mundo do autor, a mensagem que se quer passar com determinado texto...).

A escola, para muitos alunos, é o único momento de interação com o texto escrito, por isso é preciso oportunizar o trabalho com a diversidade textual, pois não se formarão bons leitores partindo somente de leituras do livro didático. As crianças até aprenderão a ler, mas dificilmente se constituirão leitores competentes.

Ler é um ato que requer concentração e conhecimentos prévios, mesmo que estes sejam inconscientes ao leitor. Existem diferentes maneiras de leitura: aquela que lemos para conhecer um assunto, para resolver exercícios de interpretação, leitura para ocupar o tempo livre, enfim, cada pessoa dá à leitura o significado que cabe a ela naquele dado momento.

A escola é por excelência o local destinado para criar nos alunos o hábito da leitura, mas o que se vê são alunos decifrando textos sem conseguir o entendimento claro dele, ou seja, a escola acaba por desenvolver uma atividade mecânica: ler para decifrar, sem enfatizar o ler para conhecer, para distrair, para rir, para chorar.

A leitura é uma prática que desenvolve a autonomia da pessoa enquanto cidadão. Uma pessoa que domina o universo da palavra é capaz de entender o mundo que o cerca, de modo que possa atuar nele conscientemente. Portanto o professor, enquanto sujeito que tem por função mostrar e ensinar os saberes necessários para tal conhecimento, precisa estar consciente desse seu papel. É um papel social e político. Mas, para que esse papel não seja simplesmente um “faz de conta”, o professor também precisa ser um leitor e conseguir transmitir esse gosto aos seus alunos, pois dessa maneira ele pode atingir mais alunos do que simplesmente fazendo um discurso sobre a importância da leitura.

O professor pode incentivar a leitura reservando um momento da aula para que todos leiam, inclusive ele. Levando seus alunos à biblioteca da escola ou à biblioteca da cidade. Lendo curiosidades sobre animais, dinossauros, enfim, temas de que as crianças gostem para que os próprios alunos queiram procurar, incentivando assim a leitura.

A leitura é um fator fundamental da formação do aluno desde a sua entrada na escola até o fim da sua vida escolar. Quem lê consegue escrever, tem argumentos que podem se sustentar, tem ideias diferentes, criatividade. A leitura é a chave também para a escrita. As crianças que mergulham no universo da leitura no início da alfabetização conseguem firmar um repertório próprio de livros e gêneros de acordo com o seu gosto.

Dessa forma, ao compreender o conceito de leitura discutido por alguns autores, buscou-se ainda identificar alguns tipos de leitura implementados pelo professor no contexto

escolar. Importante afirmar, ainda, que as práticas de leitura contribuem no processo formativo dos alunos, estimulando a sensibilidade e a emoção, levando-se em conta o papel assumido pela leitura na vida social.

O Percurso metodológico utilizado

Ao realizar este estudo, pretendeu-se analisar dados reais que possibilitassem apontar procedimentos e estratégias para o ensino da leitura, na sala de aula, como prática de letramento. Mais ainda, partindo da análise da prática pedagógica utilizando a observação, os registros em diários, por meio de narrativas e intervenções, possibilitaram reconhecer que o professor também desenvolve pesquisa no âmbito escolar, a partir das vivências e inquietações que surgem a da complexidade do seu trabalho na sala de aula.

A pesquisa-ação é entendida, portanto, como um meio de apoio à aprendizagem profissional docente e à formação do professor como pesquisador. Com diferentes ênfases, a pesquisa-ação pretende conhecer e atuar e, ao invés de limitar-se a utilizar um referencial existente, como no caso de uma pesquisa aplicada, procura uma mudança no contexto concreto e estuda as condições e os resultados da experiência efetuada (prado, 2007, P. 54).

No decorrer deste processo de investigação da prática pedagógica, os dados da ação foram registrados com o intuito de rever a ação e o planejamento.

O estudo foi realizado em uma escola da rede com uma turma do 2º ano do 2º ciclo. No início da pesquisa, nem todos os alunos liam com fluência, especialmente duas alunas que tinham ainda muitas dificuldades para ler a palavra toda ainda liam silabando.

Após o diagnóstico e a caracterização dos sujeitos, a professora-pesquisadora fez um levantamento das práticas de leitura realizadas na escola e na sala de aula.

Dentre os projetos de leitura desenvolvidos na escola, foram selecionadas as principais práticas para serem trabalhadas com os alunos. Para essa escolha, foi levada em consideração a faixa etária dos alunos e a fluência com que já liam.

Na fase seguinte ocorreu a implementação das práticas de leitura com base na etapa anterior. Nesta fase, a professora-pesquisadora, após fazer o levantamento das estratégias de leitura utilizadas na escola, iniciou a apresentação das propostas de leitura para os alunos. A seguir, estão algumas atividades desenvolvidas neste sentido.

1) Empréstimo de livro na biblioteca da escola – toda semana os alunos vão à biblioteca e escolhem um livro para a leitura. Essa escolha é feita pelo aluno, sem a intervenção da

professora, de modo que ele possa, no decorrer no ano, perceber seus principais gostos literários e, de fato, ler por prazer.

Ao voltar para a sala, os alunos fazem o registro na agenda, anotando o título do livro, a data em que emprestaram o livro e o autor. Após esse registro, começam a leitura do texto, que é feita diariamente na escola ou em casa. Os espaços destinados a essa leitura são a sala de aula, a biblioteca, o pátio da escola e um salão em que os alunos podem sentar-se mais à vontade.

Outro aspecto importante de relatar é a importância de a professora também fazer suas leituras no momento dedicado a essa prática. Assim, os alunos também se sentirão motivados pelo exemplo que observam, bem como desperta neles a curiosidade e a possibilidade de identificação com um modelo de leitor, com quem eles podem conversar e trocar ideias sobre os livros e a leitura (BALDI, 2009). A observação que os alunos fazem da professora fazendo leitura de um texto ou de outras pessoas possibilita a interação com o universo de textos e desperta o interesse e o gosto pela busca de novos textos.

2) Roda da leitura – é uma atividade realizada semanalmente, em que cada aluno escolhe um livro conforme seu gosto e seu interesse na biblioteca e semanalmente. Com seu livro em mãos, é organizada a roda leitura, geralmente em outro espaço que não seja a sala de aula, que consiste em fazer um círculo, em que todos os alunos se sentam.

A roda de leitura costuma ser associada à descoberta do prazer de ler. No entanto, ela não serve apenas para que as crianças conheçam algumas histórias ou sintam prazer com elas: também permite que os professores observem e desenvolvam uma série de comportamentos leitores em seus alunos (RANA; AUGUSTO, 2011, p. 48).

A roda serve para a socialização da leitura, feita previamente em casa e nos momentos destinados em sala de aula. Neste momento, a professora orienta a atividade, colocando a importância de ouvir o que os colegas vão contar sobre o livro até mesmo para posterior empréstimo dele.

Os alunos já trazem as informações que falarão aos colegas sobre o livro e o autor. Na roda, primeiramente falam o título e o autor do livro e, em seguida, contam resumidamente a história desse livro, suas partes principais ou que mais chamaram sua atenção, informando se gostaram ou não da leitura e se indicam ou não essa história para os demais colegas. A professora também participa dessa atividade, toda semana, lendo um livro e socializando sua leitura com seus alunos.

Para finalizar, após terem contado sua história, a professora enfatizava a importância da leitura e indicava alguns livros, contando pequenos trechos dessas histórias.

No início da atividade, muitos alunos se sentiam inibidos e apenas ouviam o que os outros colegas estavam contando. No decorrer da atividade, todos passaram a participar, lendo seu livro e socializando com a classe, não pela cobrança, mas por se sentirem motivados a ler, por poderem viajar para outros lugares a partir do texto literário.

3) Ficha de leitura: novos significados – também é uma atividade realizada semanalmente, a qual consiste na socialização da leitura realizada na semana, e o preenchimento da ficha de leitura. Nessa ficha, os alunos colocam o título da história, o autor do livro, um pequeno resumo da obra, pautado no discurso que fizeram na roda da leitura, e, ainda, sua opinião sobre a história que leram, se indicam ou não e o porquê e, para finalizar, ilustram a história.

Essa atividade é realizada na sala de aula, após a roda da leitura, e tem como objetivo a consulta posterior do livro lido, até por outros alunos, podendo visualizar o resumo da história, facilitando a escolha ou não do livro, conforme o gosto literário de cada um. Essas fichas ficam num envelope, na sala de aula, e podem ser consultadas pelos alunos, antes do empréstimo do próximo livro.

4) Caixa da leitura – é uma atividade realizada diariamente e no decorrer da semana, quando os alunos já estão finalizando a leitura do livro emprestado na biblioteca. Eles podem continuar a leitura enquanto fruição do texto com os livros da caixa da leitura.

A caixa da leitura consiste em uma caixa, com vários gêneros literários – histórias em quadrinhos, poesias, contos, biografias, fábulas, piadas, notícias, reportagens e vários outros – deixados ao final da aula. Naquele tempo destinado à leitura, quando o aluno já terminou a leitura do livro emprestado na biblioteca, ele pode ir até a caixa, escolher o gênero que quer ler e voltar à carteira para fazer a leitura do livro escolhido. Essa troca de livros da caixa da leitura pode ser feita várias vezes durante o dia e também durante a semana, sendo livre a escolha.

O vivido e o percebido

Após as intervenções realizadas, percebeu-se que os alunos que liam com dificuldade passaram a ler com mais fluência e com mais compreensão do conteúdo do texto.

Com isso, percebeu-se a importância e a necessidade de incentivar a leitura enquanto fruição do texto, pois, quanto mais esse tipo de leitura é incentivado, mais o aluno ganha autonomia para escolher seus livros, desenvolvendo seu próprio gosto literário.

Assim, o aluno consegue perceber desde cedo que a “[...] leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido”(CAGLIARI, p. 149, 2002).

Outro aspecto importante de ser ressaltado é o incentivo dessa leitura pela escola, lugar privilegiado para tal prática, pois o aluno ganha autonomia para buscar suas leituras cada vez mais de forma independente.

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura (CAGLIARI, p. 148, 2002).

Neste sentido, é de grande importância que a escola, como um todo, incentive em seus alunos práticas de leitura silenciosa e, em alguns momentos, em voz alta.

A leitura silenciosa e, portanto, individual é a leitura mais comum que se faz durante toda a vida, já que a leitura em voz alta é restrita a alguns momentos da comunicação. A leitura em voz alta sempre foi feita na escola e poucos professores param para pensar o porquê dessa leitura. Segundo Cagliari (2009, p. 313),

Os alunos podem passar perfeitamente [...] sem ter de ler em voz alta, mesmo na alfabetização. Os professores gostam [...] da leitura em voz alta porque, através do desempenho dos alunos, podem avaliar melhor se eles já dominam o que foi ensinado ou não. Consideram importante saber através da leitura em voz alta se os alunos aprenderam a decifrar a escrita.

O gosto pela leitura não é algo que se desenvolve em um tempo determinado, mas é uma prática que deve ser constantemente trabalhada e motivada através das mais diversas atividades, desde empréstimos de livros, leituras individualizadas, leituras realizada pela professora, enfim, práticas que aos poucos vão despertando nos alunos o hábito de ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, foi possível compreender, a partir do referencial teórico que subsidia este estudo, a importância das práticas de leitura na escola para a inserção dos indivíduos na sociedade. A leitura e a escrita são instrumentos fundamentais para a inserção dos indivíduos, visto que desenvolve as habilidades necessárias para ter acesso à informação, a ampliação do vocabulário, a criticidade e a busca de novos conhecimentos.

Entretanto, sabe-se que na escola privilegia-se a escrita em detrimento da leitura. É importante que a leitura e a escrita sejam planejadas, sem que haja secundarização de uma ou ambas as partes pelo professor. A partir da proposta apresentada, foi possível analisar as práticas de leitura na sala de aula do segundo ciclo do Ensino Fundamental, podendo-se

perceber o que poderia ser mudado e o que estava contribuindo ou não para a formação desse leitor. Dentro da pesquisa-ação, foi possível também refletir acerca do trabalho realizado com a leitura na sala de aula e, por fim, apresentar práticas de leituras que favorecem o letramento, atuando com essas práticas na realidade em questão observada.

Portanto, pode-se afirmar que os objetivos estabelecidos para a presente pesquisa foram atingidos, tendo em vista a sua relevância para formação do leitor à luz do letramento.

Durante as atividades propostas, descritas da Metodologia, pode-se perceber uma melhora muito significativa no gosto pela leitura e também na decifração dos textos. Esses resultados foram mais visíveis, principalmente em dois alunos que, no início do ano letivo, tinham muitas dificuldades para ler. Nos demais alunos, que já dominavam o código escrito, foi possível perceber um interesse muito grande por novas leituras e pôde-se notar também que, aos poucos, eles foram perdendo o medo de ler livros maiores e desenvolvendo o gosto por leituras mais extensas, principalmente de livros de ficção e aventura.

Tendo em vista a pesquisa-ação, pode-se concluir também que este estudo mudou o olhar da professora-pesquisadora, abrindo novos horizontes e contribuindo para sua prática enquanto educadora e pesquisadora.

Dessa forma, ao relatar as intervenções realizadas na sala de aula, busca-se fornecer subsídios para outros professores e pedagogos por meio da proposição de estratégias que possibilitam o desenvolvimento e o gosto pela leitura. É fundamental que a escola propicie momentos e práticas de leitura em que a mediação do professor contribua com a formação do aluno leitor.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BALDI, E. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, (1997). **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (1ª à 4ª série)**. Brasília.
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2002.
- _____. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CUNHA, R. B.; TOLEDO PRADO, G. do Val. Sobre o (re)conhecimento da pesquisa do/a professor/a: prosa e poesia. In: TOLEDO PRADO, G. do Val; CUNHA, R. B. (orgs). **Percursos de autoria: exercícios de pesquisa**. Campinas: Editora Alínea, 2007.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 18ª edição. Editora Cortez: São Paulo, 1987.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- GERALDI, J. W (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MION, R. A.; SAITO, C. H. **Investigação-Ação: mudando o trabalho de formar professores**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2001. p. 5.
- MION, R. A.; ANGOTTI, J. A. P. Em busca de um perfil epistemológico para a prática educacional em educação em Ciências. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 165 -180, 2005.
- SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Campinas: Autores Associados, n. 25, 2004.
- _____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

Artigo recebido em fevereiro/2012

Aceito para publicação em dezembro/2013